

Economia - Brasil

O álibi da herança de FH se esgota

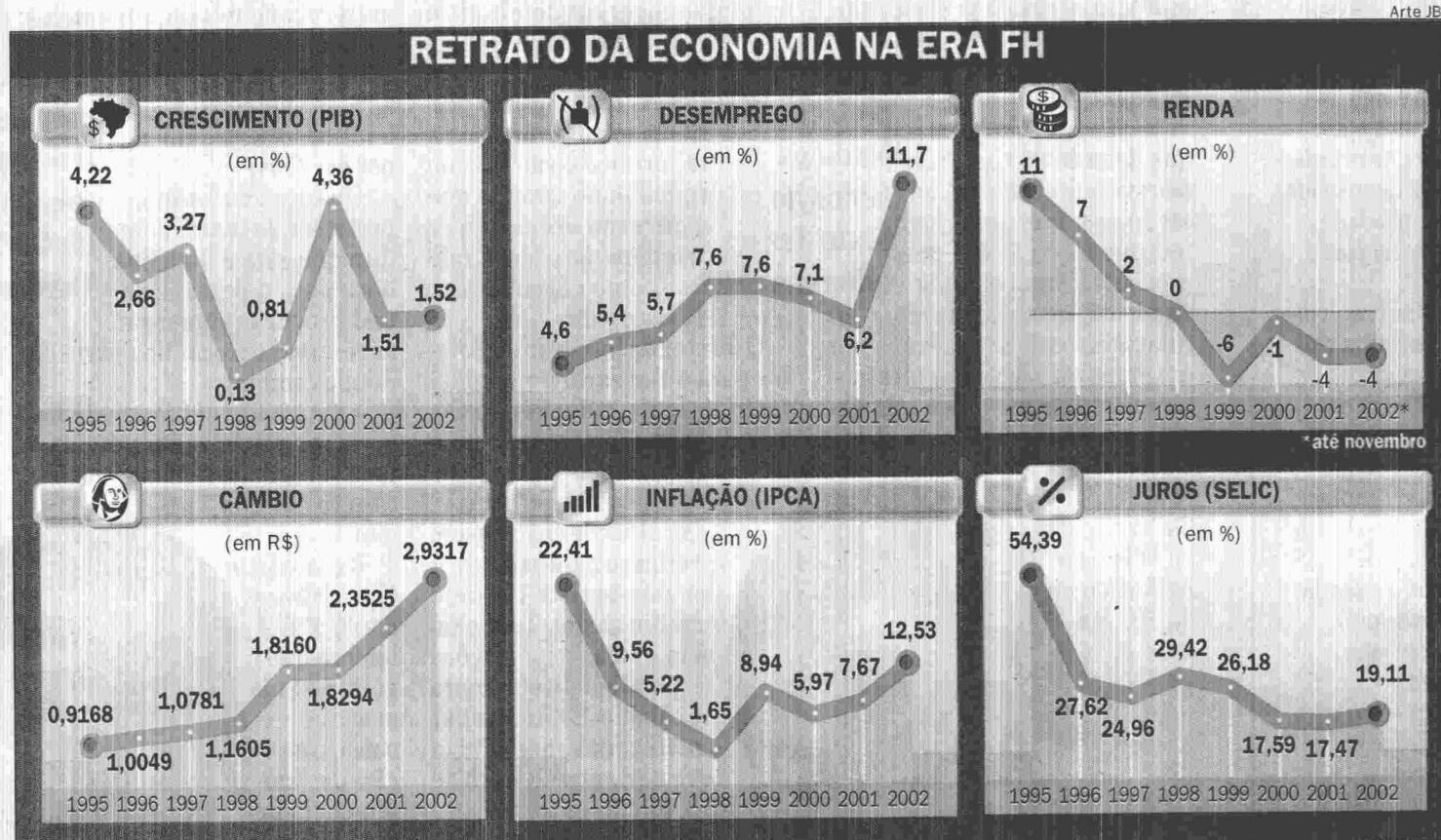
Especialistas advertem que governo Lula deve deixar de pôr a culpa no antecessor e partir para a ação no plano econômico

NICE DE PAULA E
SÔNIA ARARIPE

O tom pode mudar um pouco, de acordo com o interlocutor. Mas, nos últimos seis meses, diferentes representantes do governo Luiz Inácio Lula da Silva têm utilizado um argumento aparentemente convincente para justificar a dificuldade de reduzir os juros elevados e trazer a economia brasileira de volta para o rumo do crescimento sustentado. A conta tem sido espetada em boa parte na herança deixada pelo antecessor, o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Que, sem dúvida, não é das mais positivas: no último ano do governo FH a inflação voltou a bater dois dígitos (12,53%), o desemprego explodiu, a renda caiu 4%, e a cotação média do dólar ficou em R\$ 3. São indicadores que se tornaram ainda piores no fim do ano, com os juros chegando a 25% ao ano, embora a média tenha sido de 19%. Mas, até quando esta desculpa é aceitável?

Seis economistas ouvidos pelo **Jornal do Brasil** – Carlos Thadeu de Freitas Gomes (ex-diretor do Banco Central e professor do Ibmec Business School), Cláudio Dedecca (Universidade de Campinas), José Már-



cio Camargo (PUC-RJ), Júlio Sérgio Gomes de Almeida (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), Paulo Rabello de Castro (Instituto Atlântico e SR Rating) e Reinaldo Gonçalves (UFRJ) – responderam a essa dúvida. A maioria avalia que já não é tempo que o governo deve esquecer esse discurso e partir para a ação.

– Foi uma carga, realmente pesada. O mercado, por exemplo, demonizou o governo Lula, aumentando o prêmio de risco, pressionando o câmbio e os juros. Mas, agora, chegou a hora de pensar no crescimento – avverte Carlos Thadeu de Freitas Gomes.

O diretor do Iedi, Júlio Gomes de Almeida, considera que ainda haverá números negati-

vos a serem absorvidos e vê clima de recessão na indústria nacional.

– O governo ainda terá um tempo para adaptação, digamos assim, a essa herança. O tempo aceitável será setembro. Mas a partir de então, a sociedade vai começar a pressionar por melhores performances.

Para Cláudio Dedecca, especialista em mercado de tra-

lho, esse tempo já se esgotou.

– A herança existe e é maldita. Justamente por isso, se não houver uma estratégia que aponte claramente como superar esse constrangimento carregado do passado, dificilmente o país vai sair dessa situação. O temor é de uma recessão.

Na avaliação do professor Reinaldo Gonçalves, autor do livro, *Herança e ruptura*, o gover-

no Lula está na berlinda.

– São necessárias mudanças significativas da atual política econômica: principalmente redução das taxas de juros e o controle sobre o movimento internacional de capitais.

Há quem, no entanto, defende que o governo Lula não é tão inocente assim.

– Está certo que o primeiro governo de Fernando Henrique foi tímido no esforço fiscal, mas teve conquistas inegáveis, como a estabilidade econômica. O PT também pode ser considerado culpado por ter propagado por 20 anos que iria dar o calote. O preço foi pago pela sociedade na forma de juros mais elevados e desconfiança dos investidores – afirma José Márcio Camargo, da PUC-Rio e sócio da consultoria Tendências.

Paulo Rabello de Castro, vice-presidente do Instituto Atlântico e sócio da SR Rating, reforça a crítica.

– Governo que reclama de herança já está perdendo ponto, porque todos eles têm herança. O Fernando Henrique teve a herança do Itamar, Collor e Sarney. E o PT tem uma herança dele mesmo, porque as reformas ficaram incompletas porque faltaram os votos da oposição, que era o próprio PT.